

A operação redução e o chiste¹

Sandra Viola

No primeiro capítulo do livro do chiste², Freud se preocupa em estudar a técnica através da qual um chiste é produzido. Seu estilo se inclina para um exercício exaustivo ao elencar uma série de técnicas. O 'Famillionário' torna-se um exemplo *princeps* de condensação em que uma pequena parte da palavra 'familiar' é comprimida e desaparece, enquanto a outra se entrosa com a palavra 'milionário'. Uma condensação com um substituto, um neologismo, quem sabe, que entra no código, no campo do Outro, pela primeira vez pela boca de Hirsh Hyacinth.

Lacan dirá, mais tarde, que as diferentes técnicas levantadas por Freud, ao final das contas, podem ser pensadas como produção de metáfora e de metonímia, pois o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

É preciso ressaltar que, nesse momento, Freud lança mão do significante redução para se referir ao trabalho de associação livre no chiste, pretendendo o "sentido de restituir alguma coisa a sua forma original". Famillionário e os chistes seriam interpretados à luz dos significantes que lhes deram origem, nascendo daí o recalcado. Hirsch Hyacinth, criação autobiográfica de Heinrich Heine, que se achava muito pobre para ser tratado como milionário por Salomon Rotschild, este sim, um milionário. Freud esclarece que o surgimento do sentido recalcado se aproxima - mais ou menos - ao núcleo das marcas de cada um. Esclarece também que o prazer, experimentado pelo sujeito, se produz no momento do chiste e que é necessário um Outro, um terceiro, para que o chiste seja ratificado.

Início assim meu trabalho porque penso que Famlionário expõe muito bem a operação de redução tal como teorizada por Miller.

A bela metáfora lacaniana³, "o efeito de cristal da língua", nascida em 1970, refere-se à tendência da linguagem que Miller chama de amplificação, uma inclinação que poderia prolongar, sem limite, uma sessão de análise e fazer surgirem várias significações numa explosão em múltiplas direções. Essa erupção vulcânica brota quando a fala rodeia um núcleo, um ponto cego que atrai significações, a que Freud chamou, no início do século XX, de umbigo do sonho.

É comum um analisante dizer: "gostaria de retomar o assunto da última sessão para ir mais fundo, entretanto tenho urgência em falar do que me ocorreu hoje [...] não sei que rumo tomar [...] como numa espiral o tema de hoje chegou ao da última sessão". Ele próprio deduzindo que, afinal, uma coisa teria levado à outra. Que uma coisa tivesse levado à outra assinala ao analista o quanto esses enunciados circundam seu núcleo sintomático. Como diz Miller, "quanto mais muda, mais se trata do mesmo".

Miller se encanta por um poema de Drummond⁴ e o comenta em seu seminário "O parceiro-sintoma"⁵ e no "Osso de uma análise"⁶. Referindo-se ao verso "No meio do caminho tinha uma pedra..." do poema, ele aponta que podemos assistir a uma multiplicação de sintagmas idênticos, cuja repetição enriquece a significação, numa operação de amplificação. É justamente no plano do sentido produzido que podemos sempre nos alongar, perguntando o que isso quer dizer e assim prosseguir na fala, como a água que não sacia.

Porém, no mesmo movimento em que vemos que a amplificação se opera na linguagem outra operação acontece. Miller a chama de redução. Não mais aquela redução a que

Freud se refere no chiste, que abre para a associação livre e para a amplificação. Trata-se de seu avesso.

A operação de redução proposta por Miller condensa os elementos do relato do analisante, de seus pensamentos, palavras e obras visando limitar a proliferação de sentido. Miller a desdobra em três tempos. De início a repetição na qual se deixa o analisante livre para falar de novo, falar de novo da sessão passada para ir mais fundo, como bem disse nosso hipotético analisante. Cada relato que parece diferente contém, em seu cerne, uma fidelidade a um traço que se repete nos objetos. E se a repetição se produz na cadeia, como *automaton*, traz também a *tiquê* como resto do simbólico, ou seja, traz o impossível de ser dito.

Criemos uma hipótese clínica em que um significante, por exemplo, *comportado*, seja um significante a serviço de situações aparentemente diferentes que convergem, aproximando-se do enunciado que remete ao tempo infantil: um menino comportado que se livra, digamos, das exigências paternas. Pela repetição o sujeito é levado à convergência de alguns poucos enunciados que, em posição de S_1 , determinaram suas escolhas. A convergência é, justamente, a segunda operação de redução. Miller nos faz lembrar que Lacan chama isso de "postos fixos no inconsciente, uma função proporcional onde no lugar de x se sucedem diferentes personagens como variáveis da mesma propriedade, da mesma função f ".

Repetição e convergência operam no campo do simbólico, enxugando, ou melhor, reduzindo a explosão vulcânica das várias e múltiplas significações a formas mais elementares.

A terceira operação de redução, que Miller chama de evitação, vem se opor tanto à repetição quanto à convergência. Ela faz surgir a contingência, o real do puro acaso, justamente porque "há elementos que não aparecem, elementos cuja evitação se repete". Como operação lógica, a evitação é a contrapartida da repetição no que ela evita o

ponto que é coberto com significantes na repetição, o que nos autoriza dizer que ela é a operação mais importante de uma análise.

A partir dessas três operações, Miller nos propõe uma inversão de perspectiva teórica que fará, é claro, ressonância na clínica.

Retomando a hipótese clínica, porque *comportado* do Outro? Porque este e não aquele significante marca, por excelência, meu corpo? Que encontro é esse, sobre o qual só podemos inferir e jamais deduzir? Essas perguntas se encontram num plano diferente daquele quando perguntamos à máquina significante no plano em que alguma coisa foi encontrada, quando poderia ter sido outra, mas foi essa, foi assim.

Freud falou sobre um *quantum*, um *x* que, nas histéricas, se derramava sobre o corpo fazendo-as paralíticas, sonolentas, bissexuais, no se veste e se desveste da moça do armazém. Esse *quantum* era a libido, energia que sobrava das ideias que não podiam ser expressas. Freud distinguia, então, a estrutura significante e a libido.

Também Lacan assim o fez. Em certo momento de seu ensino formalizou a fantasia, em que dois elementos heterogêneos se conjugam: $\$$, efeito da mortificação do significante, e *a*, o objeto, a libido. O final da análise seria possível quando o sujeito do significante desinvestisse o objeto da fantasia. Vemos aqui uma disjunção entre significante, gozo e libido.

A experiência clínica vai mostrar, porém, que repetição e convergência não modificam o gozo fixado ao significante. Miller assim comenta: "Ficamos na ideia de que o corpo mortificado pelo significante deixa lugar para exceções, restos suplementares que escapam à mortificação e que são os objetos *a*".

Então, se o significante mata o gozo, ele também o produz. Por isso, numa mudança de perspectiva, Lacan é levado a deduzir que a incidência do significante sobre o corpo o vivifica como sintoma, e nessa perspectiva o sintoma inclui a fantasia e também o gozo, parte inapreensível pelo significante. O Outro se torna seu parceiro sexual posto que se ele é o lugar do significante, é também, ele próprio, meio de gozo.

Então, por que afinal, na vida de um sujeito, determinado enunciado foi mais investido que outros? Justamente o foi para responder a esta questão que Miller propôs: a operação evitação como uma redução ao real. Nela o que opera é a lógica da contingência que não obedece à lógica do necessário do sintoma, nem do impossível de se representar. A contingência não se configura como uma forma simbólica, não sendo sujeita, portanto, ao "não cessa de não se escrever", porque o gozo como efeito do significante se marca no puro acaso, na pura contingência do encontro de alguma coisa. Essa é a hora do encontro fortuito com o objeto e com o gozo, o fator quantitativo de Freud. A evitação como repetição de pura ausência do que não pode ser programado: "Ora, no que diz respeito ao gozo, não há programação".

Lacan nos avisa que o Passe, assim como o *Witz* não é um simples caso de desinvestimento libidinal, porque sempre restará - sem que se possa jamais impedir - o modo de gozar. Não se elimina, nem se reduz o gozo, o que de melhor se pode fazer é melhor distribuí-lo.

Familionário é uma metáfora que acrescenta um sentido novo, mas condensa, reduz o que se quer dizer no que se deseja dizer e não se dizia. Com Familionário, Hyacinth diz o que não podia ser dito e fica mais próximo a algum dos seus enunciados essenciais, de seus de segredos. E num instante fugaz, tanto a sequência de familiar quanto a de milionário e o sentido aí implicado são surpreendidos pelo

esbarrão, pelo encontro contingente com o que é pura ausência. Por meio da alusão, ou da colocação em cena de um elemento novo, o chiste desnuda e revela alguma coisa do corpo daquele que o produz, trazendo satisfação e, muitas vezes, vergonha. O encontro com o objeto a expõe uma verdade que se sabe não toda, uma verdade, porém, que não se pode negar. Momento em que se fulguram o sujeito e seu gozo.

Hyacinth tropeçou no acaso, naquilo que não estava programado em familiar nem em milionário. Familionário, como Trimetilamina, aparece como redução, como borda do real; instante fulgurante no qual há sujeito e seu gozo. Hyacinth ficou mais próximo do osso de seu sintoma, de seu segredo. Não temos ideia do que ele tenha feito com isso. O que sabemos é que, operações realizadas, um analisante chega mais perto do núcleo de seu sintoma, e, no tropeço, pode inventar seu chiste.

¹ Trabalho apresentado nas Jornadas de Cartéis. (2010). Rio de Janeiro: Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise.

² Freud, S. (1972[1905]). "Os chistes e sua relação com o inconsciente". In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*, vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

³ Lacan, J. (2003[1970]). "Radiofonia". In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

⁴ Drummond, C. (1962). *Tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo - Antologia poética*. São Paulo: Ed. Record.

⁵ Miller, J.-A. (2008[1986]). *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós.

⁶ Idem. (1998). "O osso de uma análise". Salvador: Biblioteca agente. Seminário inédito.